

Shaftesbury e Leibniz

Luís Fernandes dos Santos Nascimento

Professor do Departamento de Filosofia da Universidade Federal de São Carlos

No dia 14 de abril de 1712, Pierre Coste escreve uma carta a Leibniz na qual se lê: "Acabo de saber que recebestes um exemplar de um livro inglês intitulado *Characteristicks*. Fui eu, Senhor, que tomei a liberdade de vos fazer esse presente. Não foi diretamente em nome do autor (de quem talvez já ouvistes falar), mas tendo ele me dado os exemplares, acreditei que não poderia render maior honra à sua obra do que mostrá-la a um leitor de vosso gosto. Se desejardes ajudar esse ilustre autor, critique-o sem piedade e tende a bondade de compartilhar comigo vossas críticas. A obra vende muito bem e deseja-se reimprimi-la. Vossas correções serão muito vantajosas para a reimpressão"¹

O livro ao qual Coste se refere havia sido lançado no ano anterior em três volumes sob o título de *Características dos homens, maneiras, opiniões e tempos*. A obra reunia seis *tratados* dispostos do seguinte modo: Primeiro Volume (1. *Carta sobre o entusiasmo*; 2. *Sensus Communis: um ensaio sobre a liberdade do engenho e do humor*; 3. *Solilóquio ou conselho a um autor*); Segundo Volume (4. *Uma investigação sobre a virtude e o mérito*; 5. *Os moralistas, uma rapsódia filosófica*); Terceiro Volume (6. *Miscelâneas*). Com exceção do sexto e último tratado (*Miscelâneas*), todos os outros haviam sido publicados anterior e separadamente por seu autor: Shaftesbury. Em 1712, ao receber a obra do filósofo britânico, Leibniz se dá conta de que ela não lhe era totalmente estranha. Por volta de um ano antes, o próprio Coste havia enviado ao alemão uma versão em francês² daquele que nas *Características* seria apresentado como o seu primeiro tratado: a *Carta sobre o entusiasmo*. Nessa ocasião, Coste se limita a dizer que se trata de um texto cujo original

¹ *Die philosophischen Schriften von Gottfried Wilhelm Leibniz*, p.420, v. 3.

² Trata-se de uma tradução feita por Coste, em 1710, e que recebeu o título de *Essai sur l'usage de la raillerie*.

é inglês, mas nada diz de sua autoria. Mesmo desconhecendo o nome do autor da *Carta sobre o entusiasmo*³, Leibniz escreve uma observação a seu respeito. Agora, em 1712, ao receber as *Características* e estando ciente da identidade do autor das linhas que lê, o alemão não apenas repete o procedimento adotado anteriormente, como o estende e o aprofunda. Em 30 de maio desse mesmo ano, ele responde a Coste, o agradece pelo presente e anexa à sua missiva um detalhado comentário sobre os seis tratados que formam as *Características*. Seguindo o modo como Leibniz apresenta sua crítica a Shaftesbury, tentaremos aqui expor alguns elementos da leitura que o alemão faz do inglês para, em seguida, buscar uma correspondência com a própria letra das *Características*.

Zombaria

A *Carta sobre o entusiasmo* e *Sensus Communis: um ensaio sobre a liberdade do engenho e do humor* são textos nos quais Shaftesbury defende a idéia segundo a qual o uso do humor e da zombaria pode ser de grande vantagem para a promoção da sociabilidade entre os homens e para o aperfeiçoamento da vida pública, sobretudo quando aplicados contra os exageros de fanáticos religiosos ou entusiastas de todo tipo⁴. Para o pensador inglês, no lugar da perseguição política, que apenas fortalece aqueles que são perseguidos, o fanatismo e a superstição deveriam ser submetidos a um teste do ridículo que revelaria a falta de consistência de seus discursos e práticas. Fanáticos, assim como toda espécie de dogmatismo que impede o livre curso do pensamento, devem ser ironizados, analisados e criticados: jamais rechaçados. É o humor e não o exílio e a perseguição que devem agir

³ Como o próprio Leibniz escreve a Remond (11 de fevereiro de 1715), ao ter o primeiro contato com a *Carta sobre o entusiasmo* ele não sabia que Shaftesbury era o seu autor: "Je ne savois pas que Mylord Shaftesbury etoit l'autheur d'un petit livre sur la raillerie, lorque je fis des remarques là dessus" ("Quando escrevi as observações a seu respeito, eu não sabia que Milorde Shaftesbury era o autor de um pequeno livro sobre a zombaria"). *Die philosophischen Schriften von Gottfried Wilhelm Leibniz*, p.381, v. 3.

⁴ Embora a *Carta sobre o entusiasmo* critique toda forma de fanatismo, o momento no qual foi escrita atesta sua relação com um fato histórico bem determinado. No início do século XVIII um grupo de religiosos entusiastas perseguidos em seu país de origem (França) se exilou na Inglaterra: os *camisards*. Suas práticas (caracterizadas por êxtases, arroubos e previsões apocalípticas) chamam a atenção do público inglês e suscitam um debate que considera a influência e o papel que

nesses casos. Já em 1711, quando lê pela primeira vez a *Carta sobre o entusiasmo*, Leibniz põe em dúvida a eficácia das teses defendidas por Shaftesbury:

*"O discurso sobre o uso da zombaria é belo e engenhoso. Entretanto, creio que esse uso deve se ater a limites um pouco mais restritos (etroites) do que aqueles oferecidos por esse livro. Reconheço que quando [a zombaria] não ofende, ela é útil e agradável. (...) Mas é difícil não ofender ao zombar. A zombaria sempre gera algum pequeno traço de desprezo, como também observou o Sr. Hobbes"*⁵.

Fica claro que Leibniz pensa o humor e a zombaria segundo uma concepção muito parecida com aquela sustentada por Thomas Hobbes⁶, isto é: o humor sempre acarreta escárnio e desdém. Não haveria como zombar de alguém sem que, ao mesmo tempo, se demonstrasse alguma forma de desprezo frente ao objeto do humor. Em outros termos: o zombador teria de tomar uma posição superior face àquele que se apresenta como

alguns ritos e posturas religiosas adquirem no interior da sociedade (a esse respeito, ver: Crignon-de Oliveira, C. *Introduction*. In: SHAFTESBURY *Lettre sur l'enthousiasme*). Temas como o da proibição de certas práticas religiosas levam a discussão ao âmbito maior das perseguições políticas. Afinal, quem é mais dogmático e inflexível frente às suas crenças, o entusiasta ou aquele que o persegue e o prende? Para além dessa discussão localizada, é o embate entre o exercício do livre pensamento e o dogmatismo político-religioso que está em pauta na *Carta* de Shaftesbury. A própria situação de Pierre Coste é índice da relevância que tais questões assumem em meio aos pensadores da época: francês de origem protestante, ele teve de abandonar o seu país e no momento em que escreve a Leibniz estava refugiado na Holanda. A propósito da relação de Shaftesbury com pensadores franceses exilados, ver : SHAFTESBURY, *Shaftesbury and Le Refuge Français – Correspondence*.

⁵ *Die philosophischen Schriften von Gottfried Wilhelm Leibniz*, p.419, v. 3.

⁶ A concepção hobbesiana do riso e humor é tema de Quentin Skinner em seu *Hobbes e a teoria clássica do Riso*. Acerca do mesmo assunto, Márcio Suzuki nos lembra: "Assim também é para Hobbes, para quem o riso põe em relevo não apenas minha superioridade em relação a alguma 'fraqueza' a mim sucedida. O desdém pelos outros, ou por nós mesmos numa situação passada, não se separa do crescente orgulho e admiração que sentimos por nós mesmos" (SUZUKI, M. *O sublime às avessas*).

sendo a vítima de seus ataques. Em 1712, ao reler a *Carta sobre o entusiasmo*, Leibniz começa por manter a posição apresentada um ano antes: zombar dos entusiastas e fanáticos religiosos significa tomar uma posição de superioridade a partir da qual é possível desdenhar de suas opiniões e rechaçar suas práticas. Assim, rir é necessariamente diminuir e excluir. Não por acaso, Leibniz teme o que considera um efeito funesto do humor: ele apenas despertaria a ira dos fanáticos que, em resposta ao que interpretariam como sendo um ataque violento, dirigiriam todas as suas forças contra aquele que os zombou. A troça ou a brincadeira apenas reforçaria a posição intransigente daqueles aos quais ela se destina. Ainda pior, diz-nos o filósofo alemão, quando dirigido aos assuntos religiosos, o humor seria o modo mais eficaz de receber a pecha de ateu e ganhar a antipatia de todos os que praticam uma religião. No limite, não somente o fanático, mas também o homem comum e crente se sentirá atacado pelo espírito livre e zombeteiro, uma vez que com o humor sempre se corre o risco de ridicularizar ou "tornar ridículo" (*ournées en ridicule*) os assuntos mais sérios e sagrados. Nesse momento, a leitura do filósofo alemão chega ao que poderíamos chamar de um *impasse*. Se, por um lado, mantém a idéia de que "toda zombaria comporta (*enveloppe*) um pouco de desprezo"⁷, ele também admitirá que o elogio que Shaftesbury faz do emprego do humor "parece ter o fim de **humanizar** os homens de nosso tempo"⁸ e sugere que o humor e a alegria (*joye*) são elementos importantes para o desenvolvimento das faculdades humanas. Portanto, haveria no humor a possibilidade de um uso que nada tem a ver com escárnio ou com a diminuição daquele com o qual se brinca ou troça, ao contrário: a pilhéria poderia ajudar no processo pelo qual homens se tornam mais homens ou "mais humanos". Aqui, o filósofo alemão afasta-se da concepção hobbesiana de humor e, como tentaremos mostrar adiante, aproxima-se da de Shaftesbury.

Sublime

Depois de apresentar uma leitura do tema da zombaria (assunto que, segundo sua interpretação, compreenderia os dois primeiros tratados das *Características*), Leibniz

⁷ *Die philosophischen Schriften von Gottfried Wilhelm Leibniz*, p. 423, v. 3.

⁸ *Die philosophischen Schriften von Gottfried Wilhelm Leibniz*, p. 424, v. 3, grifo nosso.

chega ao *Solilóquio ou conselho a um autor* sobre o qual afirma estar impressionado e surpreso com "a quantidade de coisas belas que encontrei". "O que aí é dito do destino", continua o alemão, "do paralelo da liberdade e das ciências nos romanos (p.219 e seguintes) me parece bastante considerável"⁹. No *Solilóquio*, Shaftesbury apresenta uma elaborada reconstituição do movimento de formação das letras e da erudição gregas e romanas com o intuito de preparar uma análise crítica do modo como o mesmo processo ocorre na Modernidade. Ao examinar a erudição antiga e as formas nas quais ela se manifestava, o inglês distingue três estilos predominantes: o sublime, o cômico ou jocoso e o simples. Esses estilos corresponderiam aos três tipos de disposição ou humor presentes na natureza humana: o sério (que gera o sublime), o jovial (fonte do cômico) e o equilíbrio entre ambos (de onde provem o simples)¹⁰. Dentre eles, o sublime seria o que primeiro e mais facilmente se atinge. Ele é o que Shaftesbury chama de miraculoso, pomposo, que sempre salienta o mistério ou a grandiosidade de algo que se apresenta como inapreensível e obscuro. Autores que se dedicam a esse estilo despertam o que o filósofo inglês denomina *astonishment* – o assombro, admiração que é acompanhada de temor. Crianças se deleitam com histórias que causam espanto, as manifestações artísticas dos povos bárbaros são repletas desse tipo de "efeito que mescla horror e consternação"¹¹. Trata-se de um sentimento primário ou originário, que se detecta principalmente em épocas da vida ou em povos ainda não cultivados. Não é então de admirar que o *Solilóquio* afirme que os primeiros poetas gregos foram sublimes. É só com Homero que se introduz o estilo simples, no qual se prioriza a "real beleza da composição" e a "unidade do desígnio". Depois de Homero, quando a poesia dramática se aperfeiçoa, é a mesma polaridade sublime/cômico que se apresenta. Ao nascer, o gênero dramático é sublime.. A primeira forma de drama é a tragédia, que retoma o modo (*way*) miraculoso ou a maneira pomposa que vigorava nas expressões poéticas anteriores ao autor da *Ilíada*. Embora muito mais sofisticados do que os primeiros poetas, os escritores trágicos herdaram o mesmo pendor pelo sublime que reinava nos primórdios da erudição grega. Ou seja: para Shaftesbury, em épocas diversas o mesmo estilo (o sublime, por exemplo)

⁹ *Die philosophischen Schriften von Gottfried Wilhelm Leibniz*, p.426, v. 3. A paginação citada por Leibniz diz respeito a edição de 1711 das *Characterisiticas*.

¹⁰ A esse respeito ver: SUZUKI, M. *Quem ri por último, ri melhor: humor, riso e sátira no "Século das Luzes"*.

¹¹ SUZUKI, M. *Quem ri por último, ri melhor: humor, riso e sátira no "Século das Luzes"*, p.15.

pode ser expresso em diferentes gêneros, como o drama ou a épica. Tal como ocorre na poesia, a filosofia também poderá ser pensada a partir dessa relação entre o sublime, o cômico e o estilo simples que os equilibra. Sócrates teria sido o responsável por levar à filosofia a simplicidade que na poesia era representada por Homero. Com sua condenação e morte, cada um de seus discípulos toma e desenvolve uma parte ou quinhão de seu caráter simples. Platão herda o que em Sócrates era sublime, Diógenes expressa sua veia zombeteira e Xenofonte (o melhor dos discípulos, diz-nos o *Solilóquio*) apreende a simplicidade do mestre.

Lendo as páginas que compõem o *Solilóquio*, Leibniz faz apenas uma ressalva: "Duvido que o sublime no estilo seja o mais fácil de atingir, como parece que é dito na p. 242"¹² e, em seguida, afirma que entre os gregos foram poucos os que chegaram a esse estilo e que em meio aos romanos apenas Virgílio e Tácito o fizeram. Como dissemos, essa é a única reserva ou advertência que o alemão dirige a essa obra que, no mais, ele elogia. Sua questão está localizada no modo como Shaftesbury compreende o sublime, pondo-o em uma relação de anterioridade frente aos estilos cômico e simples. Aos olhos de Leibniz, uma tal concepção rebaixaria um estilo que se caracteriza por ser elevado e grandioso. Curiosamente, é essa mesma grandiosidade sublime, em certa medida desqualificada pelo *Solilóquio*, que o alemão julga encontrar no quinto tratado das *Características: Os Moralistas*.

Natureza

Ao comentar as impressões que a leitura de *Os Moralistas* lhe causara, Leibniz diz ter finalmente compreendido que até então estava na "anticâmara" e que somente agora, diante desse texto escrito na forma de diálogo, havia encontrado o "gabinete" do pensamento shaftesburiano, o "*Sacrarium* da filosofia **mais sublime**"¹³. Entusiasmado, Leibniz escreve:

"O tom (*tour*) do discurso, a letra, o diálogo, o novo platonismo, a maneira de argumentar, mas sobretudo a grandeza e a beleza das idéias, o entusiasmo luminoso, a divindade apostrofada me colocaram em estado de **êxtase**. Enfim, **voltei a mim mesmo** e tive o prazer de fazer algumas reflexões. Primeiramente, encontrei ali quase toda a minha *Teodicéia* antes que ela tivesse visto o dia. O universo todo de uma só vez (*L'Univers tout d'une piécie*), sua beleza, sua harmonia universal, o esvaziamento do mal real,

¹² *Die philosophischen Schriften von Gottfried Wilhelm Leibniz*, p. 426, v. 3.

¹³ *Die philosophischen Schriften von Gottfried Wilhelm Leibniz*, p. 429, v. 3, grifo nosso.

principalmente em relação ao todo, a unidade das substâncias verdadeiras, a grande unidade da substância universal, da qual as outras são apenas emanações ou imitações, estão aí [em *Os Moralistas*] postas da melhor maneira"¹⁴.

Quando volta a "si mesmo" e põe fim ao "êxtase" que a leitura do quinto tratado das *Características* lhe provocara, Leibniz encontra nesse texto uma manifestação de sua "harmonia pré-estabelecida", reconhece nele o que chama de "minha redução da matéria ou do múltiplo às unidades ou substâncias simples"¹⁵ e não deixa de repreender Shaftesbury por ter conferido a essa obra o subtítulo de "rapsódia filosófica", expressão que, de acordo com o alemão, depreciaria a grandeza e a qualidade de suas linhas. Leibniz confessa que pensava que iria encontrar em Shaftesbury algo que se assemelhasse à forma e ao conteúdo da filosofia de Locke, mas, ao contrário do que poderia esperar, foi levado "para além de Platão e de Descartes"¹⁶. E acrescenta: "Se eu tivesse visto essa obra antes da publicação de minha *Teodicéia*, eu a teria aproveitado devidamente e emprestado grandes passagens"¹⁷. Como fica claro pelas passagens citadas, Leibniz se entusiasma com a concepção shaftesburiana de natureza, da qual falaremos mais tarde.

Crítica

Por fim, o quarto e último ponto que destacaremos da leitura que o filósofo alemão fez da obra do inglês diz respeito às *Miscelâneas*. De início, Leibniz manifesta o seu desapontamento frente ao estilo e ao tom aqui adotados por Shaftesbury. Talvez ainda sob o efeito do que chamou de o *sublime* dos *Moralistas*, o autor da *Monadologia* mostra seu desencantamento diante do que agora lhe parece ser "uma leitura mais ordinária"¹⁸.

As *Miscelâneas*, como já dissemos, ocupam todo o terceiro e último volume das *Características* e é o único dos seis tratados que ainda não havia sido publicado separadamente. Nesse texto, Shaftesbury assume o papel de crítico de si mesmo e analisa de modo detido cada um dos tratados anteriores. Mais do que isso: os cinco outros textos que compõem as *Características* são aqui considerados como sendo obras de autores distintos, cada qual com o seu estilo e temas próprios. É nas *Miscelâneas* que

¹⁴ *Die philosophischen Schriften von Gottfried Wilhelm Leibniz*, p.429-430, v.3, grifo nosso.

¹⁵ *Die philosophischen Schriften von Gottfried Wilhelm Leibniz*, p.430, v.3. A propósito da multiplicidade e da unidade, bem como sua relação com o tema dos limites do mecanicismo e a questão do organismo na filosofia leibniziana, ver: FICHANT, M. *Leibniz e as máquinas da natureza*.

¹⁶ *Die philosophischen Schriften von Gottfried Wilhelm Leibniz*, p.430, v.3.

¹⁷ *Die philosophischen Schriften von Gottfried Wilhelm Leibniz*, p.426, v. 3.

¹⁸ *Die philosophischen Schriften von Gottfried Wilhelm Leibniz*, p.430, v. 3

Shaftesbury afirma que a *Carta sobre o entusiasmo* e o *Sensus communis* podem ser tomados como frutos de uma disposição cética, o *Solilóquio* seria obra de um *ar zombeteiro*, a *Investigação sobre a virtude e o mérito* seguiria um modo (*way*) dogmático de pensar e de se expressar, assemelhando-se à maneira ou estilo dos filósofos da época, e *Os Moralistas* seria obra de um poeta sublime, como Leibniz havia notado.

Não deixa de ser curioso notar que todas essas considerações tenham passado despercebidas aos olhos de Leibniz, sobretudo quando levamos em conta a importância que os comentadores atuais de Shaftesbury¹⁹ atribuem às *Miscelâneas* e ao papel que desempenham no interior das *Características* e no pensamento do autor inglês. São as *Miscelâneas* que explicitam uma postura fundamental para compreensão da filosofia shaftesburiana: a crítica. Paradoxalmente, parece ser por conta da crítica, esse elemento do pensamento de Shaftesbury que Leibniz ignora ou simplesmente deixa de comentar, que o inglês gostou do que o alemão escreveu acerca de seu livro. Comumente Shaftesbury não se interessava por aquilo que os seus contemporâneos escreviam sobre suas obras. Nas mesmas *Miscelâneas* ele chega a dizer que a função da grande maioria de textos aos quais se dava o nome de crítica era a de servir de papel de embrulho para o padeiro um dia depois de sua publicação. Essa postura muda completamente em relação a Leibniz, uma vez que o alemão preenche os requisitos do que para Shaftesbury constitui o bom ou verdadeiro crítico. Leibniz lê com cuidado, cita passagens, busca compreender o movimento do texto que segue e, a partir daí, propõe questões pertinentes e que dizem respeito ao desenvolvimento dos temas tratados na obra que estuda.

Em 3 de setembro de 1712, Pierre Coste envia uma carta a Leibniz na qual diz que fora encarregado de lhe dizer que Lord Shaftesbury, então muito doente, o agradecia imensamente e que se sentia honrado com as críticas e "censuras do Sr. Leibniz"²⁰. Nessa mesma carta, Shaftesbury chega a dizer, por intermédio de Coste, que concorda com algumas das observações feitas pelo alemão em seu "Eloge Critique"²¹ acerca da zombaria e o lembra que a questão havia sido trabalhada sob esses termos nas *Miscelâneas*. A relação de cordialidade entre os dois pensadores se encerra quando, meses depois, Shaftesbury morre. Em 23 de agosto de 1713, ao saber da morte do inglês, Leibniz lamenta

¹⁹ Ver, por exemplo: JAFFRO, L. *Éthique de la communication et art d'écrire*.

²⁰ *Die philosophischen Schriften von Gottfried Wilhelm Leibniz*, p.433, v. 3.

²¹ *Die philosophischen Schriften von Gottfried Wilhelm Leibniz*, p.433, v. 3.

e diz que "a perda de um espírito tão belo e sublime não é pequena"²², chama a atenção para uma estreita relação entre a sua filosofia e a shaftesburiana e parece lastimar a interrupção abrupta de uma amizade que mal começara. Evidentemente nunca saberemos com exatidão os resultados ou frutos que a continuidade dessa correspondência poderia gerar na obra de cada um deles. Só a imaginação criativa de um Thomas De Quincey ou de um Jorge Luis Borges seria capaz de reconstituir os detalhes de um encontro que nunca ocorreu ou que quase existiu. Cabe-nos unicamente especular a partir do que temos (o texto de Leibniz e a obra de Shaftesbury) e, sob tal condição e limite, nos perguntar: como o inglês poderia responder ao alemão?

Correspondência

Tendo em vista a postura que comumente assumia nas cartas que trocava com seus amigos e o modo como apresenta em suas obras o tema da amizade, podemos pensar que Shaftesbury responderia a Leibniz de modo a compensar o que havia sido dito pelo alemão, isto é: tal como ocorre entre os personagens do diálogo *Os Moralistas*, é provável que a interlocução se fizesse não pelo embate ou enfrentamento, mas em busca da complementaridade e da correspondência. Agindo desse modo, Shaftesbury já estaria exercitando, ou pondo em prática, o que entende por *humor*, um dos pontos levantados por Leibniz em seu comentário. Como o próprio alemão reconhece, para Shaftesbury o humor é uma virtude social. Todo tipo de convivência depende desse elemento indispensável, que se faz necessário tanto em relação ao contato com os amigos quanto com os livros, temas ou questões que cultivamos. Em seu sentido mais amplo, a disposição bem-humorada aproxima-se da própria postura crítica que torna possível a análise e a reflexão. Como então estar seguro de que o humor não irá ultrapassar os limites da convivência e se tornar um meio de rebaixar ou escarnecer as pessoas ou os temas com os quais trata? Essa era a principal ressalva feita por Leibniz, como vimos. De acordo com Shaftesbury, a liberdade de humor é o único modo eficaz de regrá-lo e de garantir o seu aperfeiçoamento, daí o título do segundo tratado das *Características – Sensus communis: um ensaio sobre a liberdade do engenho e do humor*. No convívio social, por

²² *Die philosophischen Schriften von Gottfried Wilhelm Leibniz*, p.381, v. 3.

exemplo, é natural que os amigos encontrem para si a medida do humor que lhes convém. Amigos, diz-nos o *Ensaio sobre a liberdade do engenho e do humor*, tendem a polir-se mutuamente e a própria amizade é vista como esse exercício de polidez. Aquele que foge ao padrão de um determinado grupo ou *club* é advertido e tomado como alguém que passou da medida²³. É com naturalidade que o humor permite estabelecer os limites da convivência, sem recorrer a nenhum outro meio senão àqueles que já constituem a vida social. Nesse sentido, ele é muito mais do que a mera piada ou pilhéria, é antes a capacidade de entender as peculiaridades de uma certa situação e encontrar a melhor disposição a ser adotada em tal momento. Existem circunstâncias que demandam seriedade, outras pedem desprendimento e jovialidade. O humor torna possível a compreensão do que é mais adequado ou justo para um determinado momento. Ao magistrado, afirma Shaftesbury, basta tentar assegurar as condições para que o humor das pessoas se desenvolva mútua e livremente. Toda imposição de regras exteriores a esse movimento significaria uma afronta à sociabilidade e o fim da convivência amigável. Do ponto de vista da organização civil, a falta de humor levaria à postura tirânica e a prevalência de um único discurso sobre os demais. Para a vida social, sua perda significaria o fim de todo verdadeiro diálogo ou interlocução. O que fazer quando a liberdade ou o livre curso das idéias está em perigo? Vimos que a resposta de Shaftesbury preocupou Leibniz: emprega-se o teste do ridículo. Mas para o inglês não há razão para qualquer desassossego, o teste que propõe é incapaz de ridicularizar o que quer que seja. Seu único fim é detectar ou assinalar o aspecto ridículo ou inadequado de um certo objeto (uma prática religiosa, um discurso, uma postura política, etc.) que ameaça a ordem social. Ressaltar o que há de ridículo nas coisas não é torná-las ridículas, diz-nos Shaftesbury em *Sensus Communis*: apenas o que nelas é inadequado e dissonante (somente o que nelas é grotesco) será destacado e posto em análise. Para o inglês, a integridade de assuntos sérios e sagrados (tal como a religião para Leibniz) em nada seria afetada quando se critica aqueles que fazem um mau uso deles. Ao contrário: a crítica aperfeiçoa os temas ou objetos aos quais se dirige. Ademais, lembra-nos o filósofo inglês, humor e crítica são armas muito mais eficazes no combate daquilo que ameaça a ordem social do que a sua proibição. Por trás da defesa do teste do ridículo encontra-se a idéia segundo a qual é a própria liberdade de humor que deve regular e manter a convivência e a relação entre as variadas e distintas concepções ou posições que compõem

²³ A esse respeito ver: SUZUKI, M. *O sublime às avessas*.

a vida pública, e que aquilo que soa estranho ou que vai de encontro à opinião comum tem antes de ser analisado e não perseguido.

As questões que envolvem o emprego do humor, da crítica e uma certa flexibilidade com a qual Shaftesbury trabalha os temas filosóficos (postura muitas vezes confundida com carência de sistematicidade e rigor²⁴) são apresentadas pelo *Solilóquio* a partir do ataque que nesse texto o autor inglês dirige ao paradigma matemático, isto é: à adoção da matemática e da geometria como modelos de exatidão a serem seguidos pela investigação filosófica. Por que os mesmos filósofos que vivem em desacordo uns com os outros no que diz respeito ao conteúdo de suas respectivas doutrinas acreditam ou querem acreditar que seus pensamentos seguem uma ordem similar àquela expressa pela relação entre números e figuras geométricas? O estudo das propriedades dos triângulos, diz-nos o *Solilóquio*, não têm nada a ver com a filosofia. O verdadeiro e maior assunto do filósofo é outro e até mesmo a matemática e a geometria, quando elevadas à categoria de objetos filosóficos, revelariam esse tema fundamental. De acordo com Shaftesbury, uma investigação conseqüente acerca dos propósitos e da natureza de um saber como a matemática chegaria necessariamente à conclusão de que ela é feita por um ou mais homens e só é inteligível para os seus semelhantes. Eis aí o tema filosófico por excelência, do qual todos os outros derivam: o homem e todas as particularidades que constituem a vida ou as atividades do ser moral. Daí a importância que o pensador inglês atribui à sociabilidade, ao humor, às mudanças de opinião, às alternâncias nos modos de expressar diferentes idéias, ao momento ou à maneira correta de dizer ou lançar mão de um determinado tema ou objeto. Todas as vicissitudes da vida humana devem ser consideradas pela filosofia, assim como as práticas ou exercícios que possam aprimorar e desenvolver as faculdades que nos tornam cada vez mais *homens*. Antes de tudo, o próprio filósofo jamais pode se esquecer que ele é *um* homem. Por mais elaborados e universais que sejam seus argumentos e raciocínios, eles ainda serão a expressão de alguém. Ao refletir sobre o universo que o cerca, o pensador não poderia deixar de exprimir (de uma maneira mais ou menos explícita) a consciência do local que ocupa nesse mesmo universo e, desse modo, oferecer uma visão que sempre traz algo de parcial e, ao mesmo tempo, um entendimento do seu lugar no mundo.

O modo como Shaftesbury apresenta a relação entre a figura do homem e a filosofia que ele expressa, frisando que a segunda está intimamente ligada à primeira, lembra um

²⁴ O tema é trabalhado por Pedro Paulo Pimenta. PIMENTA, P.P. G. *A linguagem das formas: natureza e arte em Shaftesbury*.

argumento exposto por Schelling nas *Cartas filosóficas sobre o dogmatismo e o criticismo*. Na *Quinta Carta* do referido livro, o autor alemão ataca uma tese bastante difundida acerca da filosofia espinosana. De acordo com essa leitura, o universo apresentado pelo pensamento de Espinosa seria completamente objetivado ou "objetivante", local no qual todas as particularidades seriam aniquiladas ou dissolvidas pela atividade ou força do todo. Frente a essa totalidade não restaria nenhum elemento singular ou particular. E, no entanto, mesmo aí seria possível encontrar a presença ou a ação do homem: "Por que Espinosa expôs sua filosofia em um sistema *da Ética*?"²⁵, pergunta Schelling. "Certamente ele não o fez em vão. Dele se pode dizer com propriedade: 'Ele viveu **seu sistema**'"²⁶, responde o autor das *Cartas*. É no título do livro de Espinosa que Schelling encontra a presença de uma autoria sem a qual o que ali fora exposto não seria possível: esse sistema no qual em tese se aniquilaria toda particularidade, todo o "tomar partido ou posição" que caracteriza a liberdade da ação humana, é uma *ética*. Poderia também ser pensado como a afirmação de um ponto de vista, na medida em que o sistema de Espinosa ainda é ou sempre foi o "seu sistema" ou o "sistema que ele viveu". Na *Oitava Carta*, Schelling retoma o tema e afirma: "Mesmo enquanto [Espinosa] intuía a si mesmo como *dissolvido* no objeto absoluto, ele ainda intuía a si mesmo, não podia pensar-se *anulado* sem pensar-se, ao mesmo tempo, como existente"²⁷. De maneira similar a Schelling, que encontra Espinosa no interior do universo no qual estaria *dissolvido*, Shaftesbury ressalta a presença da ação humana em todos os seus modos de compreender e se relacionar com o mundo. Para ele, mesmo a matemática exige daquele que a pratica uma decisão ou tomada de partido que corresponderia, em última análise, à consciência do ponto que se assume frente ao que se conhece: do local de onde se vê o objeto e do modo que se escolhe para expressar o conhecimento que se tem dele. Não há como dissociar por completo o particular do universo do qual ele é parte e, para Shaftesbury, todos os sistemas "particulares" ou distintos da filosofia manifestarão de modo mais ou menos evidente essa relação entre o homem e o mundo que o cerca. Tais questões nos parecem importantes para a compreensão desse pensamento no qual se destacam as noções de caráter (*character*) e de identidade pessoal (*self*). Dizer que o exercício da filosofia para Shaftesbury exige a idéia maior de formação do caráter, que ele pretende promover a

²⁵ SCHELLING, F. *Cartas filosóficas sobre o dogmatismo e o criticismo*, p.16.

²⁶ SCHELLING, F. *Cartas filosóficas sobre o dogmatismo e o criticismo*, p.16.

²⁷ SCHELLING, F. *Cartas filosóficas sobre o dogmatismo e o criticismo*, p.25.

liberdade das escolhas que tornam esse processo moral possível, é também afirmar que se pressupõe o aprimoramento da consciência do espaço que cada um ocupa na economia do todo: entendo o que me caracteriza à medida que me relaciono e compreendo melhor as relações que tenho com o que está à minha volta. É a partir desses temas que tentaremos agora analisar aquele ponto que tanto chamou a atenção de Leibniz, a saber, a concepção shaftesburiana de natureza.

De acordo com Teócles (personagem principal do diálogo *Os Moralistas*), a natureza é um sistema formado por outros pequenos sistemas. Para explicar sua tese a Filócles, ele pede ao seu amigo e interlocutor que considere o caso de um carvalho: podemos tomar um carvalho como um sistema e, nesse caso, copa, tronco e raízes seriam partes do sistema. Mas também seria possível se ater unicamente à copa e vê-la como um todo constituído de vários galhos. Se, no entanto, levarmos em conta toda a floresta de carvalhos aquela árvore que havíamos tomado como um sistema completo apresenta-se agora como parte de uma totalidade maior. É o olhar daquele que contempla que determina o que é parte e o que é todo no universo natural. Daí a importância da posição que esse observador assume para determinação do que vê. Não haveria nenhuma idéia de cosmos ou organização na natureza sem que também não houvesse esse "lugar" que reconhece as relações entre partes e todo. Segundo Shaftesbury, o homem é o único ser natural capaz de compreender os múltiplos sistemas presentes no universo. É uma exclusividade humana ascender a um ponto no qual a natureza se apresenta como uma grande comunidade, no qual tudo se comunica ou co-depõe (*hang together*), na expressão de Teócles. A contemplação da ordem cósmica, o próprio fato do mundo não nos aparecer como sendo um caos, dá origem a todas as nossas noções de proporção, de ajuste, de justiça, de relação, de números ou de cifras (*numbers*, escreve Shaftesbury). Essa é a fonte do que se vê entre os elementos que formam a matemática ou a geométrica, mas não só deles: daí deriva a finura da poesia, a regularidade da arquitetura, a composição da pintura, a organicidade das leis e das cidades, etc. Vale frisar que toda essa "cosmologia" que tanto agradou a Leibniz está intimamente vinculada à afirmação da particularidade de um ser que se sabe membro dessa comunidade cósmica por ele vislumbrada. Essa contemplação não é então passiva: ela é ativa, livre — em outros termos: moral. Em princípio e por princípio a moral em Shaftesbury não é um código de valores estabelecido com rigidez, mas a própria contemplação da ordem natural feita pelo homem. Como vimos, todas as normas e leis das sociedades humanas derivam ou manifestam a idéia de regularidade que essa contemplação proporciona. Não por acaso, o texto que chama a atenção de Leibniz para a concepção shaftesburiana de natureza tem como título *Os Moralistas*: há uma relação direta entre moral e contemplação da natureza. Ao homem é possível atingir a noção de que o mundo a sua volta é uma comunidade cósmica

na qual reina uma tendência ou *costume* que faz com que seus elementos interajam, comuniquem-se, convivam entre si. Podemos mesmo pensar que há no mundo natural algo similar ao que é o humor na vida social, na medida em que as partes da natureza necessitam se ajustar, se diferenciar, se complementar e se corresponder em uma espécie de diálogo que forma o cosmos. Se a leitura de Leibniz acaba por privilegiar o lado da totalidade ou a faceta universal dessa concepção de natureza, é possível imaginar que Shaftesbury, em uma provável correspondência, destacasse o aspecto particular, a presença e a importância que aí assumem a ação e a liberdade humanas e o conseqüente vínculo entre cosmos e moral.

Um outro elemento das *Características* que o filósofo alemão parece ter ignorado diz respeito a uma nuance no modo como Shaftesbury escreve *Os Moralistas*. Vimos que para Leibniz esse texto é de estilo sublime, nas suas palavras, teríamos nele a expressão de um "novo platonismo". De fato, a fala dos personagens e o tom elevado e por vezes pomposo que dão aos temas sobre os quais discutem parece autorizar o veredicto leibniziano. A isso se acrescenta o efeito que essas linhas causaram no alemão: o êxtase. Tudo parece corroborar a sublimidade da obra. No entanto, passagens do próprio texto e, sobretudo, o que dele é dito nas *Miscelâneas* mostram o contrário. O próprio subtítulo, que tanto desagradou ao alemão, é um índice disso: uma *rapsódia filosófica*. Como explicam as *Miscelâneas*, rapsódia é o gênero literário que se caracteriza pela mescla de estilos ou por uma indefinição acerca do gênero que se adota em uma determinada obra e, ao contrário do que diz Leibniz, é exatamente isso que segundo o seu autor ocorre em *Os Moralistas*. O tema fica evidente nas linhas que compõem o diálogo quando os interlocutores discutem a dificuldade e a própria impossibilidade de se fazer nos tempos modernos um diálogo tal como se fazia na Antiguidade. As *Miscelâneas* confirmam esse argumento e definem *Os Moralistas* como sendo uma "imitação de um diálogo antigo". Ora, o termo *imitação* e a consciência de que se imita pressupõem aqui um distanciamento frente ao que se imita: Shaftesbury não escreve um texto sublime, mas a imitação de um. O tom do discurso de seu Teócles pode remeter ao de Sócrates de Platão, mas se trata de um personagem que é inglês e que tem consciência de ser um homem do século XVIII. Em um primeiro momento, essa constatação pode parecer não ter grandes implicações, mas ela revela algo de extrema importância para compreensão do modo como Shaftesbury compôs não apenas *Os Moralistas*, mas também as *Características* como um todo. O distanciamento pressuposto por sua imitação é crítico, na medida em que lhe permite escrever ou imitar um diálogo similar aos de Platão, ao mesmo tempo em que analisa e critica as características desse gênero e examina as dificuldades de produzi-lo na Modernidade. Nesse sentido, é possível ler *Os Moralistas* como um estudo acerca da filosofia antiga tendo em vista suas relações com o pensamento que, na Modernidade,

busca se formar e encontrar uma maneira adequada de se expressar: o diálogo moderno não poderá ser exatamente igual ao antigo, como se fosse possível ignorar o lugar ou o momento histórico de onde se fala. Ainda sob esse ponto de vista, o texto nos leva a pensar que o sublime, estilo que o *Solilóquio* definira como sendo o mais originário ou primário de todos (posição posta em dúvida por Leibniz, como vimos), encontra dificuldades na Modernidade: ao tentarem falar ou pensar de modo sublime, os modernos no máximo alcançariam uma imitação dele.

Assim, diferentemente do que pensou Leibniz, o estilo de *Os Moralistas* está mais próximo do das *Miscelâneas* do que daquele consagrado por Platão, uma vez que o sublime que ali encontramos já é imitado, refletido e criticado. Isso em nada compromete o conteúdo por ele expresso. Ao expor sua concepção de natureza e moral em um estilo rapsódico que estimula e promove a análise crítica do que se apresenta, Shaftesbury só atesta o importante papel que essa postura crítica deve assumir para a compreensão do universo em que vivemos ou com o qual convivemos. Se o homem fosse incapaz de criticar e analisar, ele jamais chegaria a contemplar as complexas relações que se estabelecem no mundo natural e não o compreenderia como sendo um cosmos.

Referências Bibliográficas:

- CRIGNON-DE OLIVEIRA, C. "Introduction" e "Dossier". In: SHAFTESBURY, *Lettre sur l'enthousiasme*. Tradução, apresentação e notas de Claire Crignon-de Oliveira. Paris: Le Livre de Poche, 2002.
- FICHANT, M. "Leibniz e as máquinas da natureza". In: *Dois Pontos*, v.2, Número 1 (Leibniz). São Carlos/Curitiba, 2005, pp.27-52.
- JAFFRO, L. *Éthique de la communication et art d'écrire: Shaftesbury et les Lumières anglaises*. Paris: PUF, 1998.
- LEIBNIZ, G.W. *Die philosophischen Schriften von Gottfried Wilhelm Leibniz - Briefwechsel*. Hildesheim: Georg Olms, 1960, v.3.

- PIMENTA, P.P. G. *A linguagem das formas: natureza e arte em Shaftesbury*. São Paulo: Alameda, 2007.
- SCHELLING, F. *Cartas filosóficas sobre o dogmatismo e o criticismo*. Tradução de Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo: Nova Cultural (Col. *Pensadores*), 1989.
- SKINNER, Q. *Hobbes e a teoria clássica do riso*. Tradução de Alessandro Zir. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2004.
- SHAFTESBURY *Characteristicks of Men, Manners, Opinions, Times*. Edição de Philip Ayres. Oxford: Clarendon Press, 1999.
- _____. *Anthony Ashley Cooper, Earl of Shaftesbury (1671-1712) and Le Refuge Français – Correspondence*. Editado por Rex A. Barrel. Lewiston: Edwin Mellen Press, 1989.
- SUZUKI, M. "O sublime às avessas. Nota sobre humor e riso na filosofia". In: *Cadernos de Literatura Brasileira*, n. 15. São Paulo, 2003, pp. 149-167.
- _____. "Quem ri por último, ri melhor: humor, riso e sátira no 'Século das Luzes'". In: *Terceira Margem*, 10 – *Estética, Filosofia e Ciência nos Séculos XVIII e XIX*. Rio de Janeiro, 2004, pp.7-27.